

A ministra da Economia esteve ontem com autoridades e banqueiros franceses, mas evitou assumir qualquer compromisso de pagamento da dívida. A negociação começa em Washington, disse.

Antes de pagar, Zélia quer acordo com FMI.

REALI JÚNIOR, DE PARIS.

A ministra Zélia Cardoso de Mello evitou ontem assumir qualquer compromisso, na capital francesa, com os credores brasileiros, públicos ou privados, membros do Clube de Paris, reafirmando que o processo de negociação da dívida externa começa em Washington, pelo FMI, onde se encontra seu assessor, Antônio Kandir (veja matéria abaixo). Essa informação ela transmitiu logo de saída a Jean Claude Trichet, presidente do Clube e diretor do Tesouro francês, quando de seu encontro, que durou 45 minutos. Com essa posição, Zélia procurou descaracterizar qualquer negociação.

Em nenhum momento, a ministra avançou prazos para a retomada do pagamento das parcelas atrasadas, US\$ 2,1 bilhões vencidos no mês de junho, de um total de US\$ 5 bilhões reescalados com o Clube de Paris em 1988. Zélia foi clara ao afirmar que não fixou nenhuma data para o reinício de negociações com o Clube de Paris ou para a retomada do pagamento dos juros atrasados com essa instituição ou com os bancos comerciais.

Antes desse encontro, ela avistou-se com o presidente do Banco da França, Jacques de Larosiere, que manifestou sua disposição de ajudá-la, se for o caso, no momento em que tiver que encaminhar a negociação. Esse ex-presidente do FMI é tido como um verdadeiro guru da comunidade financeira internacional em razão de sua grande experiência. No fim da tarde, Zélia foi recebida pelo ministro da Economia, Pierre Berégovoy, que lembrou a disposição e as iniciativas do governo francês em favor dos países devedores, ditos "intermediários", para desbloquear o problema da dívida externa.

Essa boa vontade da área governamental junto a instituições públicas não é a mesma na área comercial e empresarial, onde as queixas em relação à postura do governo brasileiro são ainda importantes. Um dos banqueiros presentes à palestra da ministra Zélia Cardoso de Mello, o diretor do Credit Commercial de France, Charles de Croisset, lembrou que a suspensão da transferência de dividendos e a acumulação de atrasos do serviço da dívida têm gerado um clima de intranquilidade junto a empresários e banqueiros europeus. Para Zélia, essa preocupação é perfeitamente compreensível.

Um outro banqueiro, diretor da Société Generale, Bernard Lorain, quis saber dos planos do governo para o restabelecimento do pagamento dos juros da dívida, isto é, antes ou depois da negociação. Mais uma vez a ministra evitou qualquer compromisso, dizendo que o governo brasileiro,



Zélia em Paris, com o ministro das Finanças francês, Pierre Berégovoy.

ao contrário dos anteriores, privilegiou o ajuste interno para poder definir as possibilidades em relação ao pagamento do serviço da dívida. Ao seu ver, brevemente serão retomadas as negociações e, conseqüentemente, o pagamento dos juros, tendo acrescentado: "Não queremos postergar essas pendências para 1991. Objetivo é resolvê-las ainda este ano".

Um empresário não escondia sua curiosidade em saber se a arrecadação de impostos aumentou após a nomeação de um "super-xerife", o delegado Romeu Tuma, para a Receita Federal, uma pergunta que a ministra respondeu de forma lacônica: "Sim".

Hoje a ministra estará em Roma, última etapa da viagem à Europa.

Vem aí um salto no preço do petróleo

O preço do petróleo vai subir "muito além" dos atuais US\$ 18 o barril, depois da reunião de ministros dos países exportadores que ocorrerá na próxima semana, em Genebra, garantiu um porta-voz da Opep.

Os 13 países-membros da entidade perderam entre US\$ 5 e 7 bilhões desde março, por causa da queda de preços: o Kuwait e os Emirados Árabes Unidos produziam mais de um milhão de barris-dia acima das cotas fixadas pela Opep.